



A Vida no Campo

Os anos da maturidade (Volume II)

Há alguns anos, não muitos, o jornalista e meu Amigo Osvaldo Cabral escreveu no “Correio dos Açores”, a terminar uma referência sobre os *Sítios Sem Resposta*, de Joel Neto: *Temos escritor!* E também Onésimo Almeida disse, sensivelmente na mesma altura, que “*Joel Neto é uma magnífica voz da consciência açoriana*”.

Foi disto que me lembrei, na passada semana, quando tive conhecimento da notícia da atribuição Grande Prémio de Literatura Biográfica da Associação Portuguesa de Escritores (APE) ao livro *A Vida no Campo* desse mesmo Joel Neto.

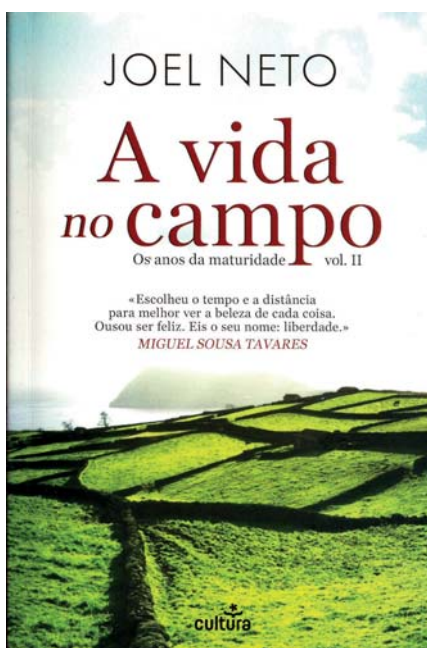
Podrá até parecer que esta justíssima e merecida distinção está na base destas *Leituras do Atlântico*. Não, não é verdade, porque *A Vida no Campo* estava mesmo a ser minha leitura, graças a mais um *milagre* dos CTT, que fez com a Editora (*Cultura*) mo tivesse de mandar pela segunda vez, com segurança de registo e tudo... História que o Joel Neto bem conhece e que, infelizmente, faz parte do nosso quotidiano nas relações com os CTT.

A Vida no Campo – Os anos da maturidade. Com o mesmo estilo e esquema diarístico que marca o primeiro volume. Sim, porque *A Vida no Campo* é, de veras, campo para muitas leituras da vida. Em quatro estações! E se no primeiro volume começa por um Outono tingido de ouro de recordações, purificado no cadinho das emoções, agora é o fulgor da Primavera que dá o tom saboroso de abertura, no perfume da tal arca de onde as *mulheres tiram os seus vestidinhos cor-de-rosa para as funções do Divino*.

Como se sabe, Joel Neto deixou Lisboa, onde se desdobrou na vida jornalística de redactor e chefe de redacção de vários jornais, e trocou o bulício da capital pela genuinidade dos seus Dois Caminhos. E foi ali, na Terra Chã, que ganhou asas na Literatura. Como diz Miguel Sousa Tavares, “*escolheu o tempo e a distância, para melhor ver a beleza de cada coisa. Ousou ser feliz. Eis o seu nome: liberdade*”. E já o grande Luiz Assis Brasil o descreveu como um escritor “*com uma marca perene e perceptível*” que “*constrói sonoros universos de humanidade*”.

A escrita diarística é difícil e exigente! Por isso mesmo não está ao alcance de todos. E quando penso neste género literário, tenho sempre presente Fernando Aires, uma referência no fundo e no estilo, intimista, carinhoso e ao mesmo tempo forte e perspicaz perante a realidade de cada dia.

Joel Neto consegue fazer-nos flutuar entre a crónica e o romance. Ressuscita figuras, perpetua lugares e imortaliza cenas e tradições, nos Dois Caminhos, em Lisboa, em Chaves, em New



Bedford, em Friburgo, em Bristol, Óbidos ou Torres Novas. Em cada página uma surpresa, em cada tempo uma novidade.

O autor tem o dom de sublimar as coisas simples, com aquele toque subtil de transforme

em arte aquilo que muitas vezes não passa de vulgar acontecimento, como o tal odor do frasco que desperta uma memória, ao lavar as mãos e leva o autor a confessar que “*podia escrever-se um romance em torno de um cheiro apenas – um cheiro que um homem sabe comportar uma memória, mas não consegue discernir qual. Podia escrever-se um romance sobre como um cheiro, um cheiro só, pode levar-nos de volta à vida toda, e se calhar alguém até já escreveu esse romance mas eu não o conheço*”. É a sensibilidade de Joel Neto, sempre a espreitar, em cada esquina, em cada amanhecer e em cada desabafo: “*Dava um romance, Santa Maria. Incluindo as mentiras que lhe foram contando após perder a base americana, no início da Guerra Fria, e que passaram a contar-lhe em dobro com o fim da placa giratória. Houve a Estação Loran, houve a Zona Franca, até uma pista de aterragem para foguetões: todos nados-mortos, -mas, apesar disso, a cada uma delas o povo esperando-se*”.

Aqui se vê, mesmo na Literatura, um Joel Neto interventivo, crítico atento e sempre capaz de descobrir o ângulo mais estranho de cada momento da vida. A sua escrita é subtil, mas ao mesmo tempo carinhosa. E por isso mesmo jardins, flores, árvores – delíciame

com aquela acácia que *crescia para o chão* – os seus cães, os socacos da quinta embelezada de muros de pedra, as mesas da taberna, o velho cigarro na ainda mais velha figura de canto de rua, as belezas de Angra, tudo faz de cada página deste diário um verdadeiro encanto. Como de forma encantadora disse Fernando Alves (TSF): “*Um pão com bolor, um frasco de sabonete, flores que despontam num descampado ou uma árvore que há séculos espera que escutem a sua história – nada passa despercebido ao olhar atento e sensível de Joel Neto. Para o escritor, o segredo está nas coisas mais simples: coelhos saltitando no jardim, a nada filarmónica ao longe, uma pé de tomate-capucho*”.

É assim que nos sentimos, quando por exemplo, Joel Neto nos mostra aquela espécie de angústia existencial, pelo corte, ou melhor, pela amputação de uma árvore... “*Este Natal eu perdi uma árvore. Não podia ser um Natal como os outros*”.

Das árvores, das coisas às pessoas... e aos seus costumes. Na cidade e no campo. Do bulício dos Centros comerciais à quietude da mercearia: “*É comovente a animação que uma mercearia pode trazer a um lugar*”... E ali o lugar era os Dois Caminhos... E dei por mim quase a saborear um *tainex* (uma mistura que naquela vez era Macieira com anis)... E lembrei-me por aqui, nos meus tempos de menino e moço, era tão bom uma fugidela para um *tirifix* (era assim que chamávamos a mesma mistura). De facto, na campo, a mercearia é (era) *café, taberna e restaurante. É venda (em São Miguel é mais loja). Mas é também posto de policia, sucursal bancária, estádio de futebol. É consultório e mantidero., sacristia e confessionário. É agência de empregos. É casa de banho pública, - é despensa do Império, edital e posta-restante, e só funciona mesmo bem se conseguir sê-lo tudo ao mesmo tempo*.

É isto a *Vida no Campo*. Um casal, dois cães, Melville e Jasmim... Joel Neto em todo o seu esplendor dos *anos da maturidade*. O autor dos *Sítios Sem Resposta*, do *Arquipélago* e do *Meridiano 28* e daquele tão saboroso *Já Tinha Saudades de Contar uma História*, aqui revela-se na força telúrica que enforma estes dois volumes diarísticos de *A Vida no Campo*. Feliz campo que dá vida a tão bela Literatura, a provar que a terra não dá só erva, flores e frutos... Nas mãos de Joel Neto produz letras, o mais saboroso fruto que faz de um cantinho regional um verdadeiro jardim universal.

Parabéns, Joel, neste abraço temperado de vida e de campo!

Santos Narciso